



TEMPO INSTÁVEL

Apesar dos bons resultados, incertezas preocupam o setor

PERSPECTIVAS DE MAIOR EXPANSÃO

Apesar do ritmo mais lento dos negócios, indústrias esperam aumento nas vendas no segundo semestre e também oferecem produtos alternativos mais baratos

Por Erivelto Tadeu

Considerados dois dos maiores segmentos da cadeia de produção pecuária do país, as indústrias de alimentação animal e a de produtos veterinários fecharam 2022 com crescimento, embora com índices bastante distintos. A indústria de ração animal foi a que apresentou o avanço mais tímido, de 1,3%, enquanto a de produtos veterinários registrou expansão de 14%.

Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), o percentual corresponde a uma produção de aproximadamente 82 milhões de toneladas de rações e mais 4 milhões de toneladas de sal mineral, no período de janeiro a dezembro do ano passado. O crescimento foi puxado pelo segmento de avicultura de corte, que respondeu pela maior demanda de rações, em números absolutos, e continua com ritmo intenso.

Em termos percentuais, no entanto, o maior aumento foi registrado nos alimentos para cães e gatos, com alta de 7% e o montante de 3,7 milhões toneladas, e na suinocultura, com 4,5% de elevação e 20,6 milhões de toneladas comercializadas, de acordo com o Sindirações. Para este ano, os segmentos com melhores perspectivas de desempenho, em termos percentuais, são os de rações para peixes e camarões, alimentos para cães e gatos, além da alimentação para suinocultura.

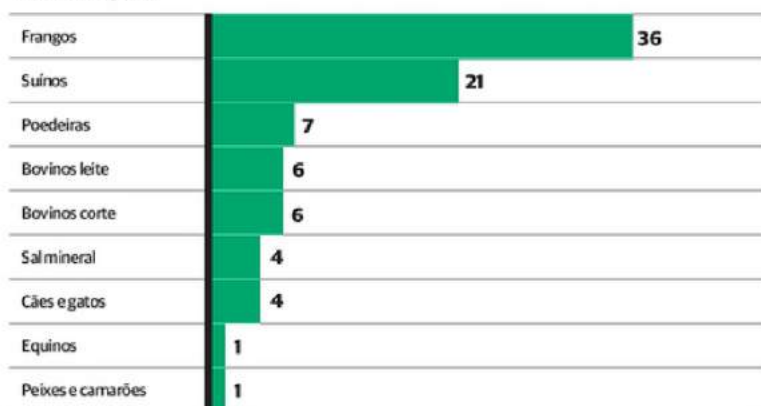
A estimativa do sindicato é que a indústria de alimentação animal brasileira movimente R\$ 150 bilhões neste ano somente com as matérias-primas – excluídas aí as despesas industriais, embalagens, margens de lucro etc. – de origem vegetal (milho, farelo soja etc.), animal (farinhas e gorduras de origem animal, minerais e aditivos de síntese química e biofermentação).

Para Ariovaldo Zani, CEO do Sindirações, embora a expectativa do setor fosse avançar 3,5% em 2022, o crescimento de 1,3% pode ser considerado positivo diante das dificuldades enfrentadas pela indústria e que ainda persistem. De acordo com ele, o desempenho no primeiro semestre deste ano, no entanto, está dentro das expectativas e o ritmo de crescimento parece ter ficado mais rápido em relação ao mesmo período do ano passado.

As exportações tiveram papel importante na boa performance semestral. Ao todo, o Brasil exportou, entre janeiro e junho, 136 mil toneladas de produtos da alimentação animal, perfazendo US\$ 177,4 milhões, de acordo com dados consolidados da Câmara de Comércio Exterior (Camex). Mas Zani faz questão de ressaltar que no montante não foram consideradas as exportações de farinhas e gorduras de origem animal e do aminoácido lisina. “Preferimos destacar os alimentos completos e biscoitos para cães e gatos, que culminaram no embar-

Produção de rações

% por categoria



Fonte: Sindirações

que de aproximadamente 30 mil toneladas”, destaca.

Um dos fatores que mais impactaram o mercado de rações no ano passado foi o aumento dos preços do milho e do farelo de soja. A indústria de alimentação animal brasileira consumiu mais de 51 milhões de toneladas de milho e algo em torno de 18 milhões de toneladas de farelo de soja. “E ambos os insumos representam, em média, mais de 75% do custo da alimentação de aves e suínos, enquanto para bovinos de corte em regime de confinamento podem alcançar patamar até superior”, diz Zani.

Alguns fornecedores de ração animal, inclusive, têm aproveitado esse fato para oferecer alternativas a esses produtos no mercado, mais baratos e tão nutritivos quanto o milho e do farelo de soja. Esse é o caso da Cras Brasil, fabricante brasileira de óleo de amendoim que também fornece farelo de amendoim para confinamentos e fazendas de peixes. “O preço do farelo de amendoim chega a ser 20% menor do que o do farelo de soja, sendo que o seu valor nutricional é bastante semelhante e até superior, com alto teor de proteínas”, afirma Rodrigo Chitarelli, CEO da empresa.

Os fabricantes de alimentação animal têm investido também em inovações tecnológicas em busca de maior eficiência no processo de produção e de elevar o ganho nutricional dos animais. AFS, produtora de etanol a partir do milho, utiliza a tecnologia dried distillers grains (DDG), grãos secos de destilaria para nutrição animal. O vice-presidente de sustentabilidade e novos negócios da companhia, Daniel Lopes, explica que o DDG produzido pela empresa possui alto teor nutricional e é destinado à alimentação de bovinos, suínos, aves, peixes, cães e gatos. “Ele é o único DDG de alta proteína existente no Brasil, com 40% de proteína na matéria natural e 45,5% na matéria seca”, afirma.

Já o setor de saúde animal, embora com um volume de negócios menor que o de rações, registrou um crescimento mais expressivo em 2022. O vice-presidente executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), Emílio Salani, conta que a expectativa do setor era fechar o ano com algo em torno de R\$ 10 bilhões e acabou alcançando R\$ 10,3 bilhões, o que representa um crescimento de 14% em relação ao ano anterior.

O dirigente empresarial diz que esse crescimento está bem acima da média histórica registrada na última década pelo setor, de 9,65% ao ano, mas que já mostra uma tendência de realinhamento do mercado. A única exceção, segundo ele, foi 2021, cuja expansão foi de 20,5%, mas ainda como reflexo do período mais crítico da pandemia.

Salani diz que sempre procura enfatizar que se trata de um setor de cerca de US\$ 2 bilhões, mas que têm um efeito muito grande em toda a produção pecuária. “Embora seja um segmento dentro da cadeia de negócios de proteína vermelha relativamente pequeno, ele vem apresentando um crescimento sustentado nos



últimos anos, bem próximo de dois dígitos, além de ser extremamente estratégico para a economia do país. Se não houvesse um portfólio de produtos veterinários de qualidade, em quantidade suficiente e disponível no tempo correto, não se criaria frango, porco e boi de forma saudável no Brasil”, destaca.

De acordo com dados do Sindan, metade do faturamento do setor hoje é proveniente do segmento de ruminantes (basicamente bovinos), 25% vêm de animais de companhia (cães e gatos), além de 12% provirem de aves, 11% de suínos e 2% de equinos. “Vale ressaltar que cães e gatos respondem por um quarto do faturamento, maior que aves e suínos. E olha que o Brasil está entre os top 3 na produção de aves e suínos”, diz Salani. Para este ano, ele avalia que as perspectivas são de crescimento em todos os segmentos, embora não arrisque números.

Chitarelli, da Cras: óleo e farelo de amendoim com valor nutricional